

CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS

Curso de Formação em Psicanálise

Ciclo III - Noturno

INCESTO

QUANDO A INTERDIÇÃO É INTERDITADA

Isabel Cristina Garcia

São Paulo

2013

Lisa Biron, advogada, nascida em Manchester em 1969. Terminou o ensino médio aos 18 anos e a partir de então começou um longo período em uma batalha com álcool e drogas.

Entre prisões por dirigir sob a influência de substâncias químicas e dirigir com carteira de motorista suspensa, também se envolveu em casamentos abusivos. Aos 31 anos formou-se em gestão de negócios e em seu discurso de formatura agradeceu sua fé cristã e o nascimento de sua filha por serem responsáveis por uma reviravolta em sua vida. “Desde que fiquei grávida da minha filha, tenho a responsabilidade por uma segunda vida”, disse Lisa. (TUOHY 2013).

Já divorciada, quatro anos depois Lisa estaria se formando em direito e atuando em um grupo de advogados cristãos contra o casamento de pessoas do mesmo sexo.

Em novembro de 2012, Lisa, 43, foi presa e acusada de ter filmado uma menina de 14 anos fazendo sexo com dois homens em várias ocasiões. Logo se descobriu que a menina dos vídeos era a própria filha.

Além de ter filmado sua filha com outros homens, Lisa também filmou a si própria fazendo sexo oral na filha. Dentre os vídeos achados, um deles era o vídeo da menina tendo relações sexuais pela primeira vez, e o que se escutava era Lisa instruindo a menina em como não sentir dor.

Na prisão, em uma conversa por telefone, Lisa disse à filha “eu deveria ter sido a mãe, não a amiga” (TUOHY 2013).

Nesse relato o incesto aparece muito claramente e uma questão é levantada durante a hora clínica: a partir de que momento a relação entre mãe e filha passa a ser incestuosa?

Antes de qualquer coisa tentarei explicar um pouco o conceito de incesto e a possível razão de sua existência.

Segundo Freud em sua obra Totem e Tabu (1913), o horror ao incesto aparece como um ponto principal na criação da civilização humana. Sendo o incesto uma norma cultural/religiosa e não uma lei civil. Vemos aí, portanto, a religião como um organizador social.

Freud vai investigar a tribo tida como a mais antiga e percebe que sua organização é através do totemismo. São regras estritas, organizadas a partir de clãs, cada qual com seu totem (normalmente um animal, podendo ser também um vegetal ou um evento atmosférico).

Além da característica principal fornecida aos clãs ser a proteção, uma das regras mais importantes do totemismo é: todos que tiverem submetidos a um totem, não podem casar-se entre si. Motivo? A troca exogâmica.

Outra regra do totemismo: ele é determinado matrilinearmente. Se o pai é do totem X e a mãe do totem Y, os filhos desse casal serão do totem Y. Nenhum homem dessa linhagem poderá ficar com essa mãe. Eles terão de procurar em qualquer outro clã alguém para se casar.

O totem que protege o clã recebe em troca veneração, e junto com essa veneração, surgem privilégios e conseqüentemente a inveja. Há aí a relação com esse poder de amor e ódio.

Uma das proibições do clã é que as pessoas são proibidas de comer seu próprio totem. Se o totem é uma galinha, as pessoas daquele clã não poderão comer galinhas.

Freud vai fazendo então um paralelo entre a figura paterna e a figura do totem que pode ser aprofundada em seu texto Totem e Tabu (1913).

Voltando ao caso de Lisa e a pergunta “a partir de que momento, a relação entre mãe e filha passa a ser incestuosa?”.

No modelo de família pai, mãe, filhos, onde a mãe é nutriz e cuidadora, ela está naturalmente destinada a ser o objeto de amor da criança.

O corpo materno durante meses é disponibilizado para o corpo fetal, antecipando necessidades e as satisfazendo antes mesmo que se expressem. O bebê chora e ela entende que aquele choro é de fome, ou sono, ou de desconforto.

Essa propensão incestuosa natural é indispensável, uma vez que sem ela o bebê dificilmente se tornaria sujeito. “Sua majestade o bebê”. Ele precisa sentir-se o reizinho da mamãe.

Entretanto, sem um contrapeso, essa medida pode se tornar mortífera, psicotizante, produzindo danos muito graves se não atenuada ou cortada.

Após despachar o pai – aquele que interdita – transformando-o em intruso, a mãe pode, sem vergonha, utilizar a criança para projetar nela suas próprias fantasias de sucesso que ela mesma não conseguiu realizar na sua vida de mulher.

Eliacheff (2004) escreve que embora exista a dominação da mãe sobre o menino, é sobre a filha (por ser do mesmo sexo) que ela se exerce nas formas mais obscuras e arcaicas, chegando às vezes à violência.

O “abuso narcisista” da criança pelos pais é a projeção do genitor sobre a criança, que tem seus dons explorados não para desenvolver seus próprios recursos, e sim para satisfazer as necessidades de gratificação dos próprios pais. A menina tem sua própria identidade prejudicada por aquela que teria a responsabilidade de ajudá-la a construí-la, e o “dom” da criança resulta em

responder às expectativas da mãe abusiva. Sem falar na busca por esse amor que jamais chega até ela, já que não é a ela que ele está destinado.

É natural do ser humano neurótico uma compulsão em fazer do outro o seu objeto para que os dois se tornem um. Se apossar do outro; achar que o outro quer o que a gente quer; tentar controlar os desejos do outro. Na neurose isso é recalcado, na perversão é atuado, como fez Lisa Biron, que conseguiu o que muitas mães gostariam: ter controle sobre o momento em que sua filha tem um encontro amoroso. Controle esse que engloba inclusive o ensinar como não sentir dor.

– “Como você não me contou? Não confiou na mamãe? Sua melhor amiga?”, diz uma mãe para uma filha nesse exato momento... Esse é o gozo incestuoso. Uma mãe que não consegue se desprender e perceber que a filha é a filha. Saber que a sexualidade da filha é um terreno que a mãe não tem acesso.

Qual o limite do amor da mãe em relação aos cuidados do filho? O bebê está ali entregue e a mãe irá fazer com ele o que bem quiser. E isso é fundamental, porque sem isso não existimos enquanto sujeito... E aí está mais um dos paradoxos humanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAVIS, Ashley. Anti-Gay Activist Lisa Biron Found Guilty of Child Pornography After Video Taping Daughter. In: <http://www.opposingviews.com/i/society/anti-gay-activist-lisa-biron-found-guilty-child-pornography-after-video-taping-daughter>, acessado em 20 de maio de 2013.

ELIACHEFF, Caroline. Mães-filhas: Uma Relação a três. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu e Outros Trabalhos. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. XIII (1913-1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

TUOHY, Lynne. Mom Convicted of Exploitation in Graphic NH Trial. In: <http://www.boston.com/news/local/new-hampshire/2013/01/11/mom-convicted-exploitation-graphic-trial/JMBz9D1uri99TYLkRYFkMK/story.html?camp=obnetwork>, acessado em 20 de maio de 2013.